

Os dois lados do Nordeste e 23 MAI 1989

as eleições presidenciais

GAZETA MERCANTIL

Mauro Santayana

Cada um de nós tem os seus seis meses — disse Ribaldo, o ressignado memorialista de seus próprios e grandes sertões. Teremos mais um período de seis meses, nestes quase trinta anos de desvios, antes que a Nação possa dizer, ela mesma, o que pensa de seu destino.

É bom que haja tantos candidatos quantas opiniões identificáveis, embora nem todas as opiniões carreguem idéias.

O primeiro turno, é quase certo, não nos trará o vencedor, mas nos permitirá debuxar o perfil da perplexidade brasileira. O que passou, nessas três décadas? Vivêramos, com Juscelino, os mais belos anos da República. Com o instinto de Estado, mais do que com o saber, o impetuoso mineiro entendera que não se lidera um povo no marasmo, mas na ação. No arregaçar as mangas, no abrir estradas para o Norte e para o Oeste, na edificação de Brasília, na política industrial, Juscelino, se cometeu erros, arrancou, com o entusiasmo do povo, o País de seu "berço esplêndido", para jogá-lo nas responsabilidades e nos desafios do tempo mundial. Pensemos nas dificuldades de hoje, e pensemos nelas excluindo os cinco anos dinâmicos de Juscelino: elas seriam menores? Possivelmente não estaríamos arrostando a mal dissimulada ira de nossos competidores mais fortes, que nos procuram quebrar as pernas com ameaças alfandegárias ou "ecológicas", é certo: não seríamos competidores que incomodassem.

Foram cinco anos de afirmação nacional, aos quais não faltaram os brávidos da oposição. Eles vinham de uma imprensa com azinhavres aristocráticos, que considerava de mau gosto plebeu os métodos de governo e o próprio comportamento do presidente, e procediam de meios militares alistados naquela corrente que, desde a agonia do Império, trazia como razão política os discutíveis conceitos de um positivismo mal traduzido. Na verdade, quaisquer fossem os pretextos e os argumentos dos que a ele se opunham, a razão real estava no medo à democracia. As oligarquias brasileiras, nascidas na colônia, curtidas no Segundo Reinado, e consolidadas na Primeira República, tentavam retomar o comando da vida nacional, depois do acidente histórico do Estado Novo, e não podiam aceitar, de bom grado, a democratização do País.

Juscelino representava o Brasil novo, que acompanhava a política nacionalista do segundo Getúlio — levado ao suicídio pelas suas virtudes e não pelos seus pecados —, mas a ela acrescentava os impulsos de um temperamento ousado, ao qual não faltava o senso da urgência. A noção de pressa não se devia apenas ao seu grande instinto político.

Entre os que o assessoravam havia os que acompanhavam as gran-



des modificações provocadas pela Segunda Guerra Mundial. O desenvolvimento da indústria química, com o início da idade dos plásticos, representava dura ameaça aos exportadores de matérias-primas de uso industrial. O País era obrigado a desenvolver-se, logo, antes que essa possibilidade lhe fosse negada por absoluta falta de recursos.

A reação oligárquica talvez fosse também instintiva. Intuíam os bacharéis da UDN, legítimos representantes dos interesses latifundiários, embora colocassem nos lábios o discurso liberal, que a industrialização do País despertaria novas forças políticas. Os sindicatos deixariam de ser, com o tempo (como estão deixando de ser), meras forças de agitação, muitas vezes a serviço do eventual ocupante do Ministério do Trabalho, para se transformar em instrumentos do progresso social.

As indústrias, por outro lado, construiriam, pela necessidade da administração moderna, quadros com visão e ambição política, e dinamizariam a mobilidade social que já existia no Brasil, com a ascensão política de homens procedentes do proletariado urbano.

Foram estas oligarquias que se opuseram a Juscelino, mas não conseguiram impedir que o seu governo terminasse em paz nem que o processo deflagrado com o programa de metas, a construção de Brasília e a abertura da Belém-Brasília se interrompesse.

A vitória da oposição, nas últimas eleições diretas realizadas no Brasil, em 1980, deveu-se a vários fatores conjugados. Não puderam os setores mais lúcidos do PSD (entre eles, o liderado por Tancredo) impor candidatura civil à coligação que o partido mantinha com o PTB, e o próprio Juscelino, no íntimo, preferia a alternância partidária no poder. Como confessaria mais tarde, cometeu erro de cálculo: pretendendo retornar ao governo, em 1965, jogava com os desacertos do sucessor, e não usou de seu poder para amparar a candidatura do general Lott. O chefe militar, não obstante as suas qualidades morais, seu patriotismo e seus méritos de soldado, não conseguiu empolgar o eleitorado, que pretendia dar prosseguimento ao projeto democrático de Juscelino.

O sucessor de Juscelino dispunha, como ainda dispõe, de grande capacidade para convencer as massas. Sua linguagem era, e continua sendo, de inegável eficiência demagógica. Com os seus pudores de jurista e intelectual, o sr. Milton Campos dizia que esse senhor se elegia com seus defeitos, mas governava com suas virtudes. Entre elas, descobriu-se depois, faltava a da serenidade. Aspirante à tirania, incapaz do convívio democrático com o Congresso, ele julgou mal o povo, que o elegera para presidir à República, e não estava disposto a aclamar um déspota. Sua renúncia, em lugar de suscitar protestos, trouxe um instante de alívio à Nação, logo perturbado pelos acontecimentos que se seguiram.

É bom que haja tantos candidatos, e que todos eles

possam dizer o que pensam e o que pretendem. É salutar que, entre os postulantes, haja homens de todas as procedências sociais. A democracia se reforça quando podem disputar a Presidência da República, entre outros, dois nordestinos como o sr. Fernando Collor e o sr. Luiz Inácio da Silva. Um procede da velha aristocracia de senhores de engenho, ligados, em tempos mais recentes, tanto ao Estado Novo como à UDN. O segundo, chegado a São Paulo viajando na carroceria de um caminhão — os famosos "paus-de-arara" —, trabalhador manual, é líder de um proletariado

novo, que deixou de pedir a bênção aos coronéis do açúcar e veio para o Sul, em busca de dignidade, de trabalho, de escolas e de pão. Entre os dois, mais para um lado, mais para o outro, estão os demais candidatos. Pode ser ainda cedo para Lula, mas já é tarde para o outro. Como é também tarde para quem traiu a confiança do eleitorado, e abandonou os seus deveres sete meses depois de empossado, para retornar agora com a mesma cara, os mesmos truques e os mesmos adjetivos.

Mauro Santayana é jornalista e escritor.